

Sobre a Autora



Juliana Cintra Lima tem trinta e dois anos, é casada, bancária, graduada em Direito e teóloga.

Mora em Recife, no estado de Pernambuco. É cristã há mais de vinte e sete anos. Foi integrante, por um bom tempo da Igreja Presbiteriana.

Desde 2011 começou a apresentar sintomas de síndrome do pânico, transtorno bipolar e transtorno de ansiedade generalizada. Transitou por várias fases de mania, depressão e onimania. Fez uma dívida em torno de cem mil Reais, viajou por vários países do mundo, e se desequilibrou praticamente em todas as áreas da sua vida.

Apesar de ter vivido todo esse drama, conseguiu (através do auxílio divino e do tratamento médico e terapêutico) superar as graves crises emocionais que passou.

Dedica este livro a todos aqueles que sofrem ou que já sofreram de alguma doença mental e que buscam suporte na área física e espiritual.

Apresenta neste livro a sua história, os aprendizados que ela adquiriu no decorrer de todo esse tormento que vivenciou, o seu testemunho daquilo que Deus fez de bom na sua vida, e as lições espirituais que aprendeu nessa dura jornada que suportou.

O tesouro das nossas vidas está na sabedoria que alcançamos no transcorrer da nossa caminhada aqui na terra. Não há bem maior do que conquistar a maturidade espiritual através do conhecimento da Palavra de Deus. E é com esse foco que esta obra buscará atingir os corações daqueles que almejam esse objetivo tão magnífico também. Sejam todos bem-vindos!



Crisálida da Vida - Juliana Cintra Lima

Crisálida da Vida



Juliana Cintra Lima

Juliana Cintra Lima

Crisálida da Vida

Frôntis  Editorial
São Paulo /SP
2021

Copyright© 2021 by Juliana Cintra Lima.

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - Fevereiro de 2021

Capa: *Madalena Araújo*

Produção Editorial: *Frôntis Editorial*

ISBN 978-658701302-2



Frôntis  Editorial
www.frontis.com.br
escritorio@frontis.com.br

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me feito conhecer a sua graça nos momentos mais difíceis que passei. Sou grata por Ele não ter desistido de mim mesmo quando os meus erros me fizeram merecer o mal. Me sinto extremamente abençoada por contar com Aquele que é infinitamente misericordioso e que me fez vivenciar a bondade muito mais do que um dia eu poderia imaginar.

Dou graças pela vida do meu esposo que sempre demonstrou muito amor, carinho, cuidado e respeito por mim, e que foi bastante compreensivo em relação a todas as dificuldades que enfrentei desde que estamos juntos. Cada dia me sinto mais feliz ao seu lado, e me alegro por fazer parte da sua vida.

Sou bastante grata por todo apoio que minha mãe me deu enquanto eu escrevia este livro me dando sugestões, aconselhamentos, orientações e me incentivando na publicação desta obra. Fico feliz ao lembrar de todos os momentos de comunhão com ela enquanto fazíamos devocionais mesmo distantes através de vídeo chamadas. Nós nos fortalecemos bastante por causa das nossas orações e meditações na Palavra, mesmo nas vezes em que passamos pelos piores momentos como quando minha avó, e sua mãe, esteve no hospital antes de falecer. Receber o apoio dela por meio das intercessões foi de extrema importância na minha vida.

Não poderia deixar de mencionar também minha médica psiquiatra, doutora Fabiana Maia, que há seis anos me trata de forma tão humana e magistral. Cheguei ao consultório dela magérrima, péssima, descontrolada e deprimida. Estava no fundo do poço quando ela iniciou o tratamento de forma tão exemplar me ajudando a melhorar pouco a pouco, a cada dia. Não posso dizer que estou totalmente curada hoje, mas falo, com certeza

absoluta, que me sinto infinitamente melhor do que quando me encontrava há alguns anos atrás.

Reconheço o suporte que algumas pessoas da minha família me deram, especialmente, o apoio que a minha tia Vilma me deu, que além de prestar sua ajuda na área da saúde, por ser médica, me trouxe também um grande auxílio espiritual desde a minha infância. Serei eternamente grata por tanto altruísmo e generosidade de sua parte para comigo, por toda a minha vida.

Dedico este livro às pessoas que padecem de algum tipo de doença emocional, porque eu sei como é o sofrimento de passar por elas, já que a sociedade, na maioria das vezes, não reconhece completamente a nossa dor.

Prefácio

Pensem numa jovem de rosto bonito (quase perfeito); magra em cujas roupas de grife caem muito bem. Produzida com cosméticos, perfumes e calçados de última moda. Alguém que sabe o que é ser top.

Continuem imaginando essa jovem sem cicatrizes no corpo, pois no único dia em que sofreu um grave acidente Deus lhe deu livramento de ferimentos, e também porque não teve que fazer trabalho manual, como acontece com as crianças obrigadas a trabalharem na infância.

Visualizem a imagem de uma garota que seria invejada pelas moças das favelas do Brasil a fora, pois nunca passou fome, sempre morou bem e frequentou as melhores escolas particulares da sua cidade.

Caros leitores (as), vocês acham que está tudo bem e que essa menina tem mais é que curtir a vida, “porque a juventude passa rápido”? Não. Não estava nada bem! Juliana variava de humor, indo de um extremo ao outro: bradar em voz alta: “vou matar você!”; ou chegar em casa chorando, como uma menininha, e desabafar: “não sei porque Deus não tira logo a minha vida, o meu sofrimento é enorme.”

Queridos (as), se você é pai, mãe, avô, avó ou qualquer outra pessoa que conviva com um portador do transtorno bipolar, saberá que ela sempre vai se apresentar a você como “uma incógnita existencial.” Eu criei agora tal expressão no calor da emoção de tentar apresentar alguém que adoeceu mentalmente; você o ama, porém se sente quase completamente impotente para fazer algo de bom para ajudá-lo. Até mesmo porque sua pessoa passa a ser o alvo número um do lado “mal” do doente.

Como mãe e mulher cristã, dou graças a Deus quando minha irmã médica levou a sobrinha a psiquiatra a quem Juliana cita em agradecimento. Houve investigação científica, uso de vários medicamentos e ajustes de dosagens durante anos até o momento atual que é um presente saber que a minha filha conseguiu superar crises tão severas dos distúrbios mentais.

Eu orei muito por Juliana. Pedi a vários irmãos na fé que o fizessem também. Relato dois episódios dramáticos da trajetória de Juliana para ilustrar que a gente adoece junto com o nosso ente querido, se não houver a devida

compreensão ou o apoio necessário em casos graves do transtorno bipolar e da síndrome do pânico.

Um primeiro aspecto do comportamento da minha filha eu observei em três viagens que fizemos pelo Brasil. Pela generosidade de Juliana, ela me levou com conforto a esses lugares turísticos. Tive prazer e alegria nessas férias. Seria injusto da minha parte não reconhecer isso. No entanto, também tive momentos de muito estresse, porque o temperamento dominador dela não me permitia sugestões. E também havia uma mania de perfeição, por exemplo: o resultado de fotografias tinha que ser algo perfeito. Perfeição essa difícil de se conseguir com câmera de celular. Apenas os fotógrafos profissionais com câmeras modernas conseguem “a foto perfeita.” Contudo, para Juliana, teria que se repetir seguidas vezes até chegar a algo aproximado do seu desejo. Uma parte cansativa e, às vezes, irritante desses passeios.

Um segundo momento muito difícil que eu vivi com Juliana foi em sua fase de ONIOMANIA. Juliana planejava suas viagens com muita frequência e, numa dessas, ela me pediu para acompanhá-la a um Shopping Center, pois iria comprar umas “coisinhas para viajar.”

O impulso de adquirir mercadorias foi prontamente percebido pelas vendedoras das lojas e o impulso de consumir nesse dia foi tão acentuado que eu comecei a ficar atônita. Sentei-me num banco e chorei bastante ali mesmo em público. Ao ver-me naquele estado, Juliana teve uma espécie de “estalo” e disse: “vamos lanchar e ir para casa, mãe.”

Como vocês podem deduzir do pouco que lhes contei (os outros tantos ela própria descreve nas linhas a seguir), é realmente uma loucura.

Totalmente isenta de preconceito, eu faço essa declaração: enlouquecemos. Qualquer um pode estar numa situação dessas. É um grande infortúnio, mas não sejamos hipócritas tem crescido a procura por psiquiatras e psicólogos, porque muitas pessoas estão deprimidas. Isso sem contar as doenças mentais “clássicas”, por assim dizer, como é o caso da esquizofrenia.

Ao ler tudo o que Juliana fala do Amor de Deus e de como pela Sua Maravilhosa Graça ela está sendo curada, eu só posso ficar orgulhosa de ela ter dado a volta por cima.

Que os homens e mulheres de boa vontade leiam essa obra modesta em expressão literária, porém profunda em ensinamentos bíblicos e se sintam enriquecidos como eu estou sendo ao lhes pedir que leiam e compartilhem também.

Vera Cintra, mãe de Juliana

Conteúdo

Agradecimentos	3
Prefácio	5
Introdução	9
Minha história.	11
Aprendizados	45
I) Saúde física, mental e espiritual	46
II) Deus	50
III) Amor ágape.	51
IV) Graça e perdão	55
V) Fé e esperança	57
VI) Oração e intercessão	59
VII) Responsabilidade cristã	61
Frutos do espírito e da carne	65
I) Frutos do espírito	65
II) Frutos da carne	80
Enfrentando os desafios da vida com Jesus	85
I) Adaptando-se às dificuldades	85
II) Reconhecendo a soberania do Senhor	86
III) Respeitando o próximo	86
IV) Aprendendo a ser digno	87
V) Concentrando-se na vida eterna	88
VI) Vivendo o presente	89
VII) Encontrando a verdadeira liberdade	89
VIII) Descobrimo a felicidade	90
IX) Vencendo a solidão	91
X) Sabendo ser altruísta	91
XI) Unindo-se com as pessoas	92
XII) Adotando a justiça como princípio de vida	92
XIII) Buscando a Palavra de Deus hoje	92
XIV) Focando nas recompensas celestiais	93

Introdução

Crisálida é um dos estágios intermediários de metamorfose que as mariposas atravessam. Escolhi esse termo como forma de expressar a transformação que houve na minha vida - de um momento de grave crise emocional até a restauração através do auxílio divino, em primeiro lugar, e depois, pelo tratamento da doença. É a manifestação do renascimento físico e espiritual por meio da ajuda médica e terapêutica, e pela fé em Deus.

Quando comecei a trabalhar, aos vinte e dois anos, seis meses depois passei a ter crises de pânico dentro da empresa onde eu trabalhava, e pouco tempo depois passei a tomar remédio tarja preta. Foi tudo acontecendo muito rápido porque o meu nível de estresse já estava extremo e eu não conseguia mais controlar meus sentimentos. Porém, mesmo vivendo dopada, eu ainda fui capaz de cometer uma série de erros que arruinaram minha vida durante um bom tempo.

A partir daí passei a agir de forma descontrolada e cometi bastantes falhas. Quando reflito sobre esses momentos, acredito que houve uma parcela de culpa minha, porém também existiu algo patológico que eu não pude controlar. O lado que pesou na minha consciência me doeu muito. Enquanto eu vivia toda essa insanidade havia momentos em que eu estava tão acelerada que nem conseguia me lembrar claramente deles depois.

Primeiro, fui viajar muito e sozinha. Gastava dinheiro descontroladamente sem pensar nas consequências. Peguei tanto dinheiro emprestado que não consegui devolver tudo a quem eu estava devendo. Fiz uma dívida imensa no banco, fiquei sem pagar o cartão de crédito, e “sujei” o meu nome durante anos. Pensei várias vezes em pedir demissão do meu trabalho, cheguei ao fundo do poço até o momento em que eu já não sentia mais vontade de viver.

Nunca estive ao ponto de pensar em suicídio, mas deixei de sentir motivação para viver. Já cheguei a pedir a Deus mais de uma vez para morrer. Me arrependo muito de ter dito tantas palavras pesadas e negativas contra

mim mesma, e contra as pessoas que me aborreciam por onde eu passava. Eu estava sempre brigando com alguém.

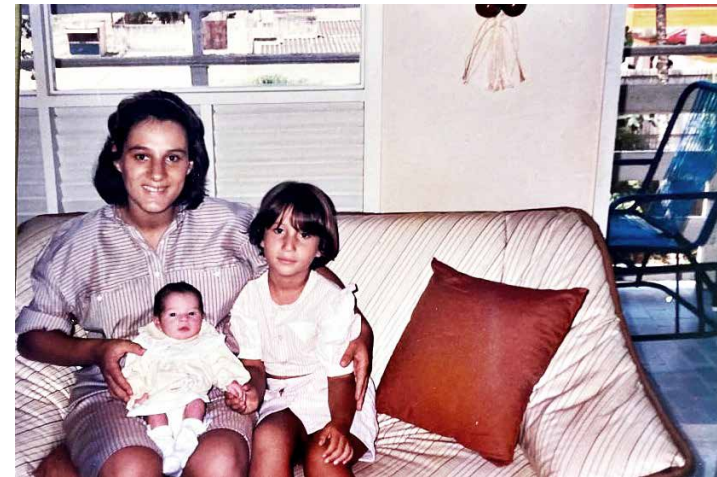
Existiram diversos momentos de intemperança, mas agradeço a Deus, porque, apesar de tudo, Ele me livrou de vários males e não desistiu de mim. E hoje eu entendo perfeitamente que tudo cooperou para o meu bem no final.

Depois disso, comecei a fazer tratamento médico para cuidar da minha saúde emocional, e melhorei muito. Continuo trabalhando na mesma empresa há quase dez anos, me casei a pouco tempo com um homem maravilhoso, sou formada em Direito, me graduei no curso de Teologia recentemente, e me sinto muito feliz hoje.

Deus me abençoou tanto que se eu fosse contar tudo de bom que Ele fez por mim durante toda a minha vida seria necessário escrever um livro à parte, mas uma coisa posso dizer com certeza: as coisas ruins que passei nesse tempo todo não foram nada comparadas com as bênçãos que recebi depois disso, e com as lições que aprendi também. E a paz incomparável que sinto hoje eu devo à Ele, ao meu Senhor tão amado.

Minha história

Quando minha mãe engravidou de mim ela estava separada do seu primeiro esposo e tinha uma filha de seis anos, fruto desse relacionamento. No momento em que ela contou para o meu pai que estava gestante ele não a apoiou. Ela morava no apartamento dos meus avós, pais dela, e passou toda a gestação sendo auxiliada por eles que, no começo, não gostaram da ideia da gravidez. Lá também residiam minhas duas tias e minha bisavó. Apesar de minha mãe ter chorado muito durante a gestação, eu nasci saudável e tudo ocorreu tranquilamente.



Eu, minha mãe e minha irmã mais velha, 1988.

Vivi na casa da minha avó até os seis anos, momento em que me mudei junto com a minha mãe e a minha irmã para uma casa onde passamos a residir com o meu padrasto. Lá morei durante um ano e depois me mudei para um apartamento com eles onde eu ficaria mais um ano também. Depois disso, fomos para outro apartamento que era de uma das minhas tias, e ficamos alguns anos lá.

Sofri bastante quando saí do apartamento dos meus avós, porque gostava de morar lá e, conseqüentemente, sentia falta de tudo. Passava os finais de semana e as férias na moradia deles, mas mesmo assim ainda continuava sentindo saudades quando voltava para minha casa.

Fui uma criança ativa e que brincava muito. Gostava de ir ao shopping e de acompanhar minha avó para onde quer que ela fosse. Eu era mimada e bastante desrespeitosa com os adultos da família. Nesse sentido falharam na minha educação. Eu tinha alguns colegas que eram vizinhos, mas no colégio sentia dificuldade de fazer amizades. Me sentia excluída na escola, e tinha a autoestima baixa por causa disso.

Por um lado, a minha infância foi normal, entretanto por outro me via triste e solitária. Era carente, infeliz, e me sentia incompreendida pelas pessoas. Esperava que elas fossem mais gentis e generosas comigo, mas frequentemente recebia o oposto. Eu era sensível demais para superar as maldades que sofria nesse mundo tão cruel.

Um dia, passei um tempo na casa de uma colega da escola e ela fez uma coisa terrível comigo. Estando com a prima, elas subiram num quadriciclo na garagem do prédio e começaram a correr atrás de mim para me pegar. Vivi neste dia momentos de terror, e eu não consegui contar nada para a minha família. Tinha o costume de guardar sempre tudo que acontecia comigo para mim. Tive problemas para enfrentar os momentos de adversidades da vida, porque era frágil e insegura emocionalmente.

Com isso não quero dizer que eu era a única vítima da história. Sei também que, a maioria das pessoas, têm as suas crises em todas as fases das suas vidas, mas acredito que houve um grande vazio emocional na minha infância que não foi normal.

Sempre fui uma menina séria e responsável na escola, e como consequência, tirava notas boas. Passei grande parte da minha vida estudando com bolsas de estudo já que minha mãe e meu padrasto eram professores. Durante todo tempo da minha vida estudei em boas escolas particulares. Tive uma boa formação educacional.

Havia em mim um espírito inconveniente. Às vezes, eu fazia vergonha aos adultos da família. No começo, eles achavam engraçado, mas depois existiam momentos em que eu me excedia. Desde bebê havia um senso de humor nas palavras que eu tentava dizer e nas mímicas que eu fazia imitando os adultos.

A minha infância também teve vários momentos de alegria. Eu amava ir à praia, à piscina, e ao clube de campo que meus avós eram sócios. Me diverti bastante com algumas amigas de infância e com certas pessoas da família também. Eu era bem extrovertida. Não tenho do que reclamar em relação às coisas materiais. Embora minha família não gostasse muito de viajar e nem sempre eu pudesse ganhar tudo que queria, mesmo sendo muito insistente, pude desfrutar de vários privilégios que a maioria das crianças brasileiras não têm condições de usufruir.



Fantasiada para o carnaval da escola, 1994.

Na adolescência comecei a ficar mais retraída. Eu era bem magra e sofria *bullying*, e por isso eu não gostava de me expor para não receber críticas em relação à minha aparência. Minha autoestima era baixa, e eu vivia solitária. A partir da oitava série passei a ter problemas com as notas na escola, estando em recuperação em matérias como Física, Química e Matemática. Por outro lado, gostava de outras matérias como História e Literatura. Eu apreciava a leitura.

Em relação à minha vida espiritual, sempre fui uma menina de fé. Desde criança minha família me levava na igreja evangélica e eu aceitei a Jesus como meu Senhor e Salvador ainda bem novinha. Me deleitava nos louvores

da igreja. Prestava atenção nas pregações e nos ensinamentos bíblicos. Na maioria das vezes, gostava de ir aos cultos. Tinha dificuldades de interação com as pessoas, de um modo geral, na igreja e na escola também. Na fase adolescente comecei a ler a Bíblia e me emocionava intensamente quando isso acontecia.

Aos quinze anos conheci meu pai. Minha mãe se encontrou com ele, por acaso, no supermercado e ela passou meu telefone para ele, e pediu para que ele ligasse para mim. Ele ligou e nos encontramos num shopping. No dia em que nos vimos pela primeira vez, meu pai levou a minha avó paterna também para me conhecer. Nessa época meu avô paterno já era falecido. A partir daquele dia, outra fase da minha vida iria se iniciar.

Primeiro de tudo, realizamos o teste do DNA. Dando o resultado positivo, como já era esperado pela minha mãe, houve uma série de modificações. Primeiro, veio o reconhecimento da minha paternidade na justiça. Depois, houve a anulação da minha certidão de nascimento para que outra pudesse ser confeccionada. Mudei de sobrenome para acrescentar o do meu pai também.

No começo do segundo ano do ensino médio, pedi ao meu pai para me transferir para um colégio que eu considerava melhor do que aquele que eu estudava, e ele atendeu ao meu pedido. Foi o princípio de um momento em que eu me dedicaria mais à escola. Meu pai conversava muito comigo e me orientava a estudar mais para que eu pudesse ter um futuro melhor. Eu busquei seguir o conselho dele, porém não consegui grandes resultados no nível médio.

No final do terceiro ano do ensino médio, prestei vestibular para a universidade federal do meu estado no curso de Direito, mas não passei. Realmente eu não tinha preparo suficiente naquele momento. No ano seguinte, pedi ao meu pai para que ele pagasse um curso pré-vestibular para mim, a fim de que eu pudesse ter uma nova chance de passar no vestibular. Ele aceitou o meu pedido. Neste ano, que foi o ano de 2007, eu me empenhei para valer e consegui chegar muito longe. Não tive a aprovação no curso de Direito da universidade federal do meu estado, mas dessa vez cheguei bem perto de obtê-la. Foi uma decepção muito grande para mim, o que me deixou bastante desapontada com o meu futuro.

Por outro lado, consegui ingressar na universidade pública estadual no curso de Administração, mas fiquei lá por pouquíssimo tempo, porque não me identifiquei com o curso. Então, no ano de 2008, meu pai conseguiu uma vaga no curso de Direito na universidade particular em que ele trabalhava como professor do mesmo curso, e eu decidi ir para lá. Algumas pessoas não entenderam essa troca e me criticaram, mas eu não liguei para os comentários delas.

No final da minha adolescência, comecei a ficar mais sociável e confiante. Ganhei alguns quilos, o que me deixou com uma aparência melhor. Passei a ter uma rotina mais parecida com a de uma jovem comum. Comecei a sair com algumas colegas para bares, boates, festas, cinemas, dentre outros. Estava deixando de ter uma personalidade um pouco reservada para voltar a ser a garota extrovertida que eu era quando criança.



Eu na minha adolescência.

Não posso dizer que me dediquei muito à minha faculdade de Direito, mas como sempre fui responsável, estudava para as provas e nunca tive problemas com reprovação de nenhuma matéria. Estava desiludida e não tinha muita animação para fazer quase nada, entretanto meu pai me incentivava frequentemente a estudar para concursos para que eu pudesse ter um emprego que me desse certa estabilidade.

No ano de 2009, no segundo semestre, iniciei um estágio de Direito num órgão público, mas, uns sete meses depois pedi para sair, porque eu estava decidida a estudar para concursos. Antes disso, no mesmo ano, depois de fazer um pequeno curso preparatório eu me classifiquei no primeiro concurso que eu iria passar, embora não tenha me dedicado muito, apesar da bagagem de estudos que eu já possuía.

No ano de 2010, comecei a me dedicar de verdade. Eu fazia faculdade, estudava para concursos e ainda frequentava cursos preparatórios para carreiras jurídicas e bancárias também. Pouco tempo depois de iniciar esse ano,

eu realizei a prova de outro concurso e me classifiquei. No final do ano, fui chamada para este último concurso. Eu estava com vinte e dois anos.

Em 2011, quase simultaneamente com esse mesmo concurso, fui convocada para o primeiro que me classifiquei, no entanto resolvi ingressar no que eu havia sido chamada primeiro. Foi uma alegria imensa para minha família. Alguns ficaram surpresos. Comecei a trabalhar logo em fevereiro numa empresa pública. Eu vivia bastante ansiosa, mas estava contente. Esse ano foi bastante puxado para mim, porque eu tive que ir trabalhar longe de casa e ainda precisava terminar a minha graduação.

No mês de outubro deste mesmo ano, comecei a ter crises de pânico no trabalho. Não entendia o que estava acontecendo comigo, porque tudo ainda era novo demais para mim. Eu tinha uma ansiedade doentia e me cobrava muito, pois desejava conquistar mais coisas. Foi quando comecei a tomar um ansiolítico forte. Passava o dia bastante dopada para conseguir concluir o expediente de trabalho. Nessa época eu já tinha abandonado a igreja, e estava muito afastada de Deus. Não tinha como eu melhorar naquele momento, visto que eu não buscava ajuda nos lugares certos. Então, comecei a viajar e gastar bastante dinheiro para tentar compensar o sofrimento imenso que eu vivia.

A minha primeira viagem de avião foi com a minha avó paterna para Fortaleza quando eu tinha dezessete anos. Depois, em 2009, fiz um cruzeiro marítimo que passou por alguns estados do Nordeste brasileiro, junto com a família do meu pai.



MSC Melody, 2009.

No final de 2011 fiz minha primeira viagem sozinha. Fui para Natal, no Rio Grande do Norte. Foi um passeio agradável, apesar da minha imprudência de viajar só, pois conheci uma família simpática do Rio de Janeiro que me serviu de companhia. Graças a isso, pude viver bons momentos nessa aventura.



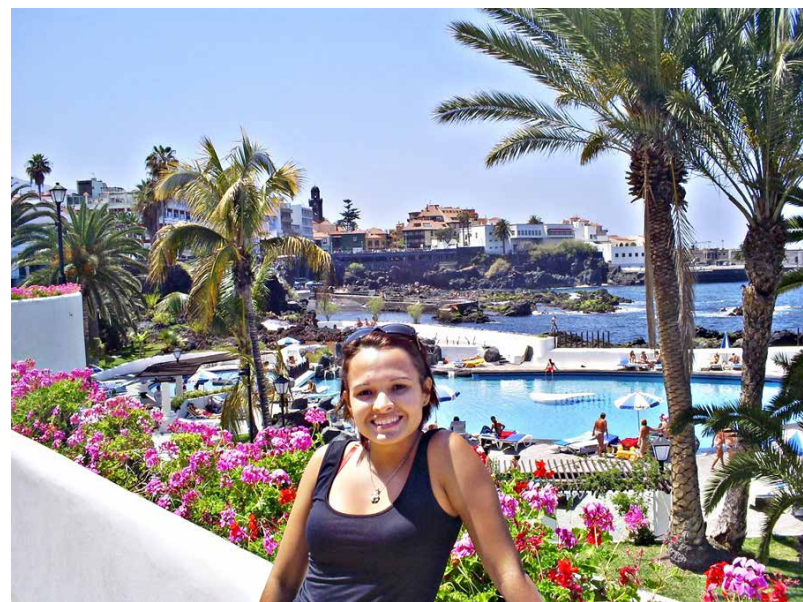
Praia de Genipabu/RN, 2011.

No ano de 2012, ganhei de presente da minha avó paterna um cruzeiro marítimo do Brasil para Itália, e também ganhei de presente do meu pai uma viagem para os Estados Unidos, a fim de visitar minha irmã que morava lá. No final de março, tirei minhas primeiras férias no trabalho e fui embarcar no cruzeiro sozinha.

A viagem foi pelo cruzeiro Costa Fortuna. Tive excelentes momentos, pois visitei lugares lindos, exóticos e paradisíacos. Além disso, também conheci boas pessoas, dentre as quais uma delas viria a se tornar minha amiga. Saí do Porto de Recife, passei pela cidade de Fortaleza e fui direto para as Ilhas Canárias. Lá visitei Santa Cruz de Tenerife e conheci o Vulcão Teide. Depois fui para a ilha de Málaga, Malta, Corfu, Dubrovnik e, finalmente, desci em Veneza. Depois, passei um dia lá e voltei para o Recife, no dia seguinte, fazendo escala em Lisboa, que por sinal, é muito bonita vista de cima.



Costa Fortuna, 2012.



Santa Cruz de Tenerife, 2012.



Vulcão Teide, 2012.



Málaga, 2012.



Malta, 2012.



Dubrovnik, 2012.



Corfu, 2012.



Veneza, 2012.